

## Viagens e paragens da (e na) literatura caboverdiana

Maria da Graça Gomes de Pina

UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI NAPOLI L'ORIENTALE

*a todos os meus amigos  
que lêem sempre com  
amabilidade aquilo que  
escrevo*

---

### ABSTRACT

---

Ever since Homer, the islands have been considered strongly attractive and inspirational places. Actually, to travel to, from or on the islands, is a way of escaping. The Cape Verdean writers, such as the latest winner of the Camões Prize, haven't set aside their indestructible bond with the cradle of their birth. The narratological "insular" space both unites and sets apart the writers. Examples could be named of insular writers whose conflict with the islands turned that space into a "continental" one. Our goal is to research the "insular" metaphors and to show that, although the presence of the "island" is constant, the modern Cape Verdean writer, aims at transposing the spatial limit of the island itself.

**Keywords:** voyage, Cape Verde, space.

Desde Homero que as ilhas têm vindo a ser espaços de grande atracção e fonte inspiradora. Na realidade, viajar para, nas e das ilhas é um meio de fuga. Os escritores caboverdianos, como o mais recente vencedor do Prémio Camões, não deixaram de lado a sua ligação indestrutível com o próprio berço. O espaço narratológico 'insular' une, e simultaneamente distingue, os escritores entre si. Poder-se-iam citar exemplos de escritores insulares, cujo conflito com as ilhas fez com que esse espaço se tornasse 'continental'. O nosso propósito é o de investigar as metáforas 'insulares' e mostrar que, não obstante a 'ilha' esteja sempre presente, o hodierno escritor caboverdiano pretende transpor o seu limite espacial.

**Palabras clave:** viagem, Cabo Verde, espaço.

---

A viagem simbolizou desde sempre uma forma de ampliação de horizontes. Horizontes que podiam representar a obtenção de mais território e, por conseguinte, de mais poder, ou horizontes que significavam apenas o alargamento de um espaço mental. Ora no que diz respeito à literatura caboverdiana, a viagem processou-se por uma ‘explosão’ para fora das ilhas, em alguns casos, ou por uma ‘implosão’ da criação literária.

Na verdade, desde as epopeias de Homero que as ilhas são consideradas espaços de grande atracção e fonte de inspiração, porque viajar para, nas e das ilhas é um meio de fuga. Não é raro, por isso, encontrar autores caboverdianos que vêm no périplo odisséico uma metáfora da ‘sufocação’ que o confinamento insular pode causar. Todavia, esse sentir é imediatamente contrastado por aqueloutro sentimento que é decerto mais forte do que a sufocação antes mencionada: trata-se do conceito de pertença. A pertença, além de se religar ao espaço físico (à terra-mãe, por assim dizer), no caso caboverdiano, prende-se intimamente à língua. É a língua crioula que conserva a especificidade da identidade caboverdiana. É nela e através dela que o caboverdiano exterioriza os seus *pathemata*, estabelece a sua ligação com a terra, com as ilhas, portanto. Contudo, paradoxalmente a língua crioula acabou por ser um propulsor de marginalização. Por ela, o povo caboverdiano foi obrigado a redimensionar o seu *modus pensandi*.

Em 1841, por exemplo, o historiador Varnhagen comentava que:

[...] são apenas os filhos de Portugal que ainda falam a língua portuguesa; e, mesmo estes, acostumam-se logo à ridícula linguagem do país, geralmente usada e chamada a língua crioula, idioma o mais perverso, corrupto e imperfeito, sem construção, sem gramática, e que se não pode escrever [...]. (Chelmichi – Varnhagen, 1841, p. 331)

Assim, as ilhas de Cabo Verde mostram ser um espaço de contradições já desde o berço. Por um lado, eram o lugar de nascimento, a fonte de nutrição, a matéria que atribuía um cunho especificadamente crioulo à população local; por outro, eram um familiar mal aceite e mal visto pela restante ‘família’ portuguesa. Usar a língua crioula como meio de comunicação tornou-se um fardo e, ao mesmo tempo, um sinal de inferioridade (Duarte, 1998).

No entanto, esta ‘esquizofrenia social’ só em parte causou problemas à criação literária caboverdiana. Fazia-se sentir na produção literária crioula uma espécie de chamamento às ilhas (Gomes de Pina, 2008), uma bússola que se orientava pelo norte de uma identidade marcadamente insular.

Como refere Gabriel Mariano,

A nós, em Caboverde, o problema que se nos punha não era o de regressar às origens [como sucedeu com o movimento da negritude], porque nós estávamos nas origens e as origens estavam em nós: era simplesmente de nos sintonizarmos com elas. (Laban, 1992, p. 319)

As ilhas traduzem-se assim como o primeiro espaço narratológico que une, ao mesmo tempo que distingue, os escritores insulares, nomeadamente os escritores caboverdianos. Eugénio Tavares por exemplo, num tocante poema, de 1900, dedicado a José Bernardo Alfama, vê na ilha Brava precisamente o título que lhe dá: «Triste regresso» (Tavares, 1969, pp. 94-95)!

Dentro da claridade plúmbea da manhã  
a Ilha, sobre o mar, lembra uma catedral.  
As nuvens em silêncio imergem devagar  
qual um fumar de incenso  
num ascetismo intenso,  
num perfume subtil de velha fé cristã,  
pelas naves glaciais da brônzea catedral,  
a Ilha, sobre o mar.

E sobem vagamente em lágrimas banhando  
a dura frente augusta e grave dos rochedos.  
Bebe em fundo silêncio a terra fulva, adusta,  
a lágrima que cai;  
e a nuvem passa, vai,  
numa insondável mágoa imensa rorejando,  
em gélido suor, dos túrbidos rochedos  
a dura frente augusta.

Mas, já da opa cinzenta a Ilha se desnuda.  
Beija-a com fúria o sol, dentes de fogo a comem.  
O vento reduziu-lhe a trapos o lençol.  
Emerge, e se acentua,  
do mar, móvel, nua,  
transida de tristeza, em uma angústia muda...  
E enquanto ao longe as nuvens álgidas se somem  
beija-a com fúria o sol.

Da c'roa do plató à fímbria da leveza  
as árvores sem vida estorcem-se de sede.  
E o sol – bem como um rei fanático, homicida, –  
fustiga-as a matar.  
E ri-se ao incendiar  
os ramos – como mãos erguidas de quem reza –  
e as folhas – como mãos abertas de quem pede –  
das árvores sem vida.  
Em fim, o meu Navio, aos poucos, se aproxima.  
Nos tristes olhos meus em lágrimas, rebrilha  
a dita de ancorar após mil escarcéus.  
E, pois que as nuvens vão  
fugindo na amplidão  
sem que uma gota de água enviem lá de cima,  
darei à tua sede o pranto – oh minha Ilha! –  
dos tristes olhos meus.

Além de simbolizar de forma evidente a pátria, ou 'mátria' como a chamará posteriormente Natália Correia – outra escritora insular que viveu a ilha como reflexo de uma conflitualidade quase endógena –, a ilha de Tavares espelha precisamente o seu regresso sofrido. Nela o Autor revê as condições do seu povo, em primeiro lugar, abandonado à mercê das mudanças climatéricas e, em segundo lugar, à deriva no mar da indigência. As nuvens, que deveriam banhar com abundância as faces rochosas da ilha, exprimem de maneira metafórica a ausência e/ou pouco cuidado da então Metrópole portuguesa para com o estado das suas colónias, sobretudo para com Cabo Verde. "Em silêncio"

é a expressão usada para caracterizar a actuação portuguesa logo na primeira estrofe (verso 3); uma actuação que se faz “devagar”, demasiado lenta para suprir as necessidades reais do povo.

A descrição cénica da ilha Brava apela-nos para a imagem da celebração de uma missa. A ilha-catedral, recipiente de fé e cristandade, como pretendia o mote imperial português, vê esfumar das suas “naves glaciais” (verso 7) o sustento vindo da Metrópole. De facto, as nuvens «sobem vagamente em lágrimas banhando/a dura frente augusta e grave dos rochedos», isto é, *sobem* deixando pouco da sua presença após terem *imerso* paulatinamente, para banhar a ilha.

Segundo Eugénio Tavares, a forma como a Metrópole administrava as suas colónias era incorrecta e revelava indubitável insuficiência. Esta situação de denúncia depreende-se não só deste poema, mas também dos seus inúmeros artigos de jornal (v. Monteiro, 1997), que lhe valeram uma acusação de desfalque e a perseguição por parte das autoridades locais. Diz-nos ele, na segunda estrofe, que a ilha bebe tudo o que lhe dão as nuvens, metáfora esta – como referimos – da actuação administrativa portuguesa. Bebe-a, dizíamos, também em silêncio, em “fundo silêncio” (verso 3), ou seja, procurando por todos os meios garantir a própria sobrevivência através desse alimento, sorvendo-o com profunda sofreguidão. Note-se também na quarta estrofe os versos que confirmam esta denúncia: «E, pois que as nuvens vão/fugindo na amplidão/sem que uma gota de água enviem lá de cima». São versos onde os termos “fugindo” e “enviem lá de cima” manifestam claramente a desaprovação do Autor. Devido às enormes secas, escapam, fogem as autoridades de Cabo Verde, para abandonar o arquipélago à sua mercê, sem enviar-lhe do continente europeu – o “lá de cima” relativamente ao “cá em baixo” da latitude 15 no Trópico de Câncer – a ajuda necessária à sobrevivência dos seus ‘irmãos’.

Logo em seguida, porém, a ilha transforma-se: deixa de ser catedral, lugar de devoção cristã, símbolo tipicamente europeu, e despe-se desse hábito solene («Mas, já da opa cinzenta a Ilha se desnuda»: verso 1, estrofe 3), voltando a ser o lugar onde África se mostra como a conhecemos: «Beija-a com fúria o sol, dentes de fogo a comem./O vento reduziu-lhe a trapos o lençol». A ilha torna-se presa do sol africano, enjeitada pelas nuvens, amante real dessa terra africana que lhe possui a alma: «transida de tristeza, em uma angústia muda.../É enquanto ao longe as nuvens álgidas se somem/beija-a com fúria o sol» (versos 6-8).

Tavares portanto, de forma ambígua, atribui às ilhas a imagem de uma filha predilecta que perdeu o amor de seus pais, enjeitada, com as “[...] mãos erguidas de quem reza – /[...] mãos abertas de quem pede” (versos 6-7). Ao contrário de outros escritores que vêem na ilha uma limitação, o Autor, obrigado a escapar do arquipélago por razões políticas, deseja ardente e sofridamente regressar. A ilha é para ele simultaneamente um refúgio maternal, o útero protector e acolhedor, a doce amante.

Seguindo o conselho de Teixeira de Sousa, que diz: “Não podemos, nós, escritores, continuar a ferir sempre as mesmas teclas, o mar, as secas, as fomes, a solidão atlântica. Podemos e devemos saltar os muros desta prisão sem grades. [...]. Há imensos temas, não especificamente cabo-verdianos, que um escritor nacional pode abordar, sem perder a sua identidade individual ou

cultural” (Laban, 1992, p. 206), outros autores mais recentes têm procurado ver na ilha um limite que pode ser transposto, uma espécie de viagem para uma lua que pode ser concretamente pisada.

Esta ‘transposição’ do confim insular e da sua limitação foi feito, na maioria dos casos, usando a língua portuguesa em detrimento do crioulo caboverdiano. Ao contrário do que sustentava Gabriel Mariano, isto é, que “Escrevendo em crioulo dão-se duas coisas. Primeiro aspecto: uma identificação através da língua crioula, uma identificação com o seu próprio ambiente [...] uma identificação do poeta com a sua própria terra” (Laban, 1992, p. 326), a última geração de escritores caboverdianos tem vindo a utilizar o português como língua de expressão da própria identidade. O crioulo caboverdiano continua a subjazer na temática desenvolvida pelos autores, mas acaba por assumir ele mesmo o papel de tema. Isto é, não se trata já de usar a língua como meio de apresentação da realidade crioula, mas sim de seleccionar o uso do significante crioulo na descrição literária. Estabelecendo uma ligação recíproca entre crioulo-espaço crioulo, o autor caboverdiano refaz-se novamente à temática da ilha sem abandonar a sua relação com o continente, a saber, com Portugal e com a língua portuguesa, raras vezes acenando ao continente africano. Vejamos alguns casos.

Dina Salústio em *Mornas eram as noites*, de 1994, apresenta um pequeníssimo conto intitulado “...ou quando Santo Antão é apenas silêncio” Trata-se de um conto que, à maneira de um desabafo, narra a sua percepção da ilha natal. Nascida em Santo Antão, é a esta ilha que a Autora dedica um momento de reflexão que indica a sua relação afectiva com a terra natal e com a ausência dela. Porém, quando menos se espera, esta ausência faz-se de novo presença.

A frase inicial é já sintomática de um modo de sentir o espaço narratológico ‘insular’: “Sem como nem porquê, Santo Antão tornou-se o tema preguiçoso da conversa de espera” (Salústio, 2002<sup>3</sup>, p. 21). A ilha introduz-se como tema central da conversa quase como a preguiça se insinua nos corpos distraídos... “sem como nem porquê”! Não há uma verdadeira razão para fazer aflorar à mente as recordações do espaço insular. Há apenas o silêncio desse vir à luz que se vai preenchendo de recordações mais fortes que o próprio silêncio. Mesmo a Autora mantém-se silente, observando o modo como a temática insular se vai progressivamente apropriando de todo o universo que circunda a saleta de espera, passando de transparência anamnésica a memória narrada: “A Ilha era apenas ela, no sentido inicial da concepção: intocada e intocável. [...] Ameaças, desafios, armadilhas, sereias, gongons, veleiros, temporais e calmarias e o Mar do Canal, ainda eram partes do corpo da ilha-mãe, e todos e cada um tinham algo a acrescentar às lembranças dos outros” (*ibidem*).

Trata-se então de uma ilha que se vai desmembrando, desconstruindo e reconstruindo na memória dos presentes, entrelaçando-se nela, recriando uma ponte com a realidade actual e as vicissitudes dos participantes nesta troca de sensações. A Autora desempenha o papel de uma terapeuta de grupo, deixando que a ilha se exteriorize em cada narração: “As palavras cruzavam-se no ar num exercício anti-dialógico. E chocavam ao baterem em mim” (*ibidem*).

Para Dina Salústio a ilha é pois aprendizagem, ou seja, é a maravilha de cada eu redescobrimo-se pelo e no espectáculo que se encena na memória: “Sorri-me: Santo Antão ou a capacidade constante de me causar espanto!” (ivi,

p. 22). Quando a ilha reaparece, a Autora renasce, encontra o caminho para o lar a bordo da sua jangada identitária.

A partir deste conto, viu-se que a ilha desempenha um papel de religação à própria identidade, mas de que forma se processa esta possível religação na poesia do pós-*Claridade* e do pós-independência?

Parece-nos ter razão Gabriel Mariano quando afirma que

[...] depois da *Claridade*, nós podemos distinguir na poesia em crioulo e na poesia em português os seguintes aspectos: enquanto a poesia em português capta, revela, exprime o Caboverde como unidade, uma totalidade unitária, a poesia escrita em crioulo depois da *Claridade* exprime e revela Caboverde como *arquipélago cultural*. (Laban, 1992, p. 327)

Manuel Francisco Fontes, dito *o pupilo das musas*, é um autor que podemos inserir no grupo dos poetas que “exprime Caboverde como unidade”. Na obra *Nas praias da minha ilha* (2003), as ilhas são também metáfora da sensualidade e do erotismo femininos, nomeadamente nos poemas centrais. Manuel Fontes recupera o cordão que une a poesia em geral e a caboverdiana em particular à temática poética grega, passando pela língua portuguesa, qual ponte ocidental. Na sua maioria, trata-se de poemas que poderiam ser com uma lupa que faria realçar a proximidade de Fontes com as composições eróticas de Safo, embora a musa inspiradora de Fontes seja Calíope. No poema “Nos teus olhos” (p. 23) o Autor observa a amada por meio de algumas metáforas insulares:

Nos teus olhos  
Dançam barcos de velas pandas  
Na tua boca  
Transparece o verde desejo em querer  
Saborear o sal das ilhas  
Teus seios  
Pulam quais equídeos  
Ofrecendo o corpo nu  
Da paixão desmedida.

Dois são os termos que nos permitem conectar o corpo feminino ao corpo insular: “sal” e “equídeos”. Na cor verde o Autor estabelece a relação entre os olhos da crioula e a natureza circundante, porque os olhos espelham a alma. A mesma cor verde transparece e transpõe-se para o sabor salgado do mar. O sal de que fala o Autor foi o símbolo da riqueza do arquipélago caboverdiano, nomeadamente nas ilhas de Sal e Boa Vista, até às primeiras décadas do século passado (Madeira Santos, 2001). Com o comércio do sal deu-se uma nova vida a algumas ilhas que passaram a ver-se como protagonistas de um intercâmbio cultural e nascentes de uma moderna mestiçagem. A boca da crioula é assim significativa de um desejo de renovação, de um intercâmbio que já não é só cultural mas passa a ser corporal, emissor, receptor e transmissor de fluidos que conduzem à criação de uma nova vida. Dos olhos o Autor desce para a boca, pretendendo percorrer todo o corpo, dispondo-se a amá-lo. Por esse motivo os seios em frenesia de amor não podem senão ser simbolizados pelo movimento dos pequenos cavalos existentes ainda nas ilhas, principalmente nas ilhas de Sotavento. Os olhos, a boca e os seios denotam

realidades insulares, apelam para o espaço que será o ninho desse amor. A ilha é para Manuel Fontes o corpo que se deseja possuir, *estando em, habitando* esse mesmo corpo.

Todavia, a morada do corpo-ilha é também para o Autor a residência mesma do sujeito, um espaço de onde se extrai a própria essência. O poema “Nas praias da minha ilha” (p. 57), que dá o título ao livro, mostra exactamente isso:

Nas praias da minha ilha  
Bato os pés nas negras areias  
Bato as mãos no ar  
Brado ao alto  
Ressuscito as gaivotas desaparecidas  
Após o desaparecimento dos veleiros  
Nos nossos nostálgicos portos.

Na ilha e terra natal o Autor sente-se livre, tem o tremendo poder de agir sobre a realidade de forma quase onnipotente. Ele é capaz de fazer retornar tudo ao seu lugar e de recompor o mundo. Regressam as gaivotas que mais não são senão imagens de um tempo ido. Estando na ilha consegue-se recuperar tudo o que a ilha representa para o sujeito: a fisicalidade do corpo insular, a necessidade de sentir a terra sob os próprios pés – “bato os pés” (verso 2), “bato as mãos” (verso 3) –, a possibilidade de se deixar envolver pela corporeidade da ilha que se encontra fora do eu sensitivo – “brado ao alto” (verso 4), e a acção dentro desse espaço, o sentir-se membro e parte integrante dele, uma actuação que se faz real pelo uso da forma verbal “ressuscito” (verso 5). Vemos portanto neste poema uma ilha que se apresenta também como espaço físico, não só como espaço metafórico, um espaço de onde se pode renascer como fénix das próprias cinzas.

Gostaríamos de terminar esta viagem pela prosa e pela poesia caboverdianas debruçando-nos sucintamente sobre algumas composições recentes da poetisa Carlota de Barros contidas na obra *A minha alma corre em silêncio*, de 2003. Neste livro a Autora percorre a ilha sulcando três trilhos: 1) o da ‘memória’ (no poema “A minha alma corre em silêncio”, p. 15), 2) o da ‘interioridade’ (“O sol da minha infância”, pp. 16-17; “As palavras que se diziam”, p. 39) e 3) o do ‘lar’ (“Rochas de S. Nicolau”, pp. 60-61; “Magoada e ofendida”, pp. 90-91; “Voltarei sempre”, p. 143). Ao fim e ao cabo, os três trilhos acabam por se entrecruzar sempre, como se verá ao tratar os poemas propostos.

Vejamos então como se processa a temática da ilha como memória em “A minha alma corre em silêncio”:

A minha alma corre em silêncio  
pelas rochas do meu arquipélago anilado

é a saudade do mar  
dos búzios  
dos potes  
das estrelas a brilhar  
nas noites escuras

do som das vassouras de palha  
na calçada da rua estreita  
nas manhãs brancas perfeitas  
que se seguem às noites  
de silêncio e jasmims perfumados

a minha alma corre em silêncio  
pelas noites de luar  
em que me colhias as rosas  
que alegravam o despertar lento  
das minhas manhãs jovens perfeitas

a minha alma corre em silêncio  
pelas noites estreladas  
em que me mostravas a urso maior  
as minhas mãos nas tuas  
confiante e terna

a minha alma corre em silêncio  
pelas rochas do meu arquipélago anilado  
é a saudade do silêncio das noites  
das rosas e das estrelas

Este poema é, antes de mais, a revelação de um modo de ver e comunicar com a ilha. Partilha-se com o leitor a interioridade e a privacidade desse modo de ver. Na interioridade e privacidade encontramos um sentimento que podemos comparar ao “Triste regresso!” de Eugénio Tavares. A Autora descreve o silêncio em que se encontra emergida a ilha. Trata-se de um silêncio que a toca intimamente e ‘corre’ por todas as partes que compõem de forma significativa e pormenorizada a ilha enquanto tal. Com a realidade insular estão evidentemente relacionados os termos ‘mar’, ‘búzios’, ‘potes’, ‘estrelas’; elementos descritivos de um lugar que recupera o espaço caseiro. Vemo-lo, por exemplo, nas pinceladas do quotidiano crioulo que pintam a realidade conservada na sua lembrança e recordada com saudade: “do som das vassouras de palha/na calçada da rua estreita” (estrofe 3, versos 1-2); ou ainda “pelas noites estreladas/em que me mostravas a urso maior” (estrofe 5, versos 2-3). Nestes versos vê-se claramente a indicação de um momento que marcou o arquipélago caboverdiano até bem pouco tempo atrás. Trata-se de uma época onde a luz eléctrica ainda não cobria completamente as ruas estreitas das ilhas, ofuscando a visão das estrelas, e roubando aos amantes a possibilidade de se escudarem sob o luar e sob o manto luminoso e protector do céu estrelado: “pelas noites estreladas/em que me mostravas a urso maior/as minhas mãos nas tuas/confiante e terna” (estrofe 5, versos 2-5). É uma época que comporta em si elementos contrastantes. Por um lado, a Autora encontra nessa interioridade anamnética um arquipélago, diz-nos, “anilado”, sofrido e destruído; por outro, um espaço de recordações felizes, de um Cabo Verde já quase desaparecido e relegado a memória.

Contudo, é nos poemas “O sol da minha infância” e “As palavras que se diziam” que a temática da interioridade se faz mais evidente.

“O sol da minha infância”

Hoje sonhei  
com o sol  
da minha infância

era o sol doce  
das minhas ilhas  
e o sol baunilha  
com que brincava longe  
nos campos  
dos montes libombos  
trazia sabores  
verdes de  
goiabas maduras  
e o brilho quente  
das cigarras  
com o canto rouco  
das manhãs perfeitas  
nos pátios rosados  
da minha escola

a tristeza que chora  
na minha alma  
ao despertar  
abraçou-se quieta  
ao sol da minha infância

o meu sonho...  
na minha alma  
ao despertar  
abraçou-se quieta  
ao sol da minha infância

o meu sonho...  
continuou brincando  
entre os sóis  
da minha infância

“As palavras que se diziam”

Mãe  
ouço ainda na tua voz  
as palavras que se diziam  
e se dizem ainda  
na tua dja braba

gosto de as ouvir  
naquele crioulo cantado  
misturado com americano  
são como uma balada  
antiga  
ao som das ondas  
do mar da furna

vão e voltam divertidas  
na tua voz ondulante  
e embalam a minha memória

gosto de as ouvir  
no teu crioulo cantante  
misturado com americano

Os poemas apresentam-nos a meninice da Autora, convidando-nos ao mesmo tempo a partilhar esse momento. No primeiro caso, o sonho é indicativo precisamente de um confronto com o eu-interior. Na verdade, Carlota de Barros sonha com a sua infância e convida o leitor a fazer parte integrante desse sonho e a partilhá-lo com ela. A ilha vista através do “sol da infância” é a metáfora da saudade que invade os instantes em que cada ser humano se encontra mais próximo de si mesmo, isto é, quando cria uma ponte entre o eu *isolado*, ‘ilhado’ da meninice e o eu *continental* da consciência adulta. Nesse dom da recordação do que somos e fomos, o leitor, junto com a Autora, vê-se e revê-se na pele daquele para quem há sempre uma ilha que mora em cada um de nós e, por isso, de vez em quando, é preciso visitá-la para manter viva essa memória de si. Os versos finais da última estrofe fecham o percurso que novamente se abre, pois há um apelo à homogeneidade do próprio eu e à não separação definitiva dos momentos de crescimento e maturação da alma humana: “o meu

sonho.../continuou brincando/entre os sóis/da minha infância". O uso do gerúndio é importantíssimo como corolário à tristeza que nos açambarca nessa retrospectiva. São fundamentais, portanto, os versos que demonstram essa tensão a não se deixar apanhar pelo isolamento da tristeza e do já não-existente. A ilha é chamada em causa como memória do antes, mas não é causa da sua ausência; é antes conservação do antes: "na minha alma/ao despertar/abraçou-se quieta/ao sol da minha infância" (estrofes 4 e 5, versos 2-5).

Em "As palavras que se diziam", o tema da memória faz-se mais íntimo e pessoal. A ilha transforma-se em figura materna e aparece ligada àquilo que caracteriza especificamente o arquipélago caboverdiano: a sua língua crioula. A Autora rememora um espaço preciso do arquipélago, denotando-o através do modo que os moradores locais usam para o chamar, "dja Braba", a ilha Brava, tão amada por Eugénio Tavares. A voz materna recorda a realidade insular, porque através dela se descreve o modo de ser crioulo: "naquele crioulo cantado/misturado com americano" (versos 2-3, estrofes 2 e 5). A ilha vai e volta na recordação deste embalo que só o canto materno consegue manter firme na memória. A Autora usa propositadamente termos que demonstram essa intenção. A ilha-mãe é "balada antiga", que se fixa na memória com a ajuda do "som das ondas/do mar da furna" que vão e voltam (estrofe 3, versos 3-4). É "voz ondulante" que "embala a memória". As ondas do mar da Furna, na ilha Brava, transparecem assim no modo como a Autora sente a ilha, a saber, como mãe.

A figura materna pode também ser vista no terceiro dos trilhos que propusemos, ou seja, o do 'lar'.

"Rochas de S. Nicolau"	"Magoada e ofendida"	"Voltarei sempre"
Passo a caminho da fajã e viajo os olhos pelas rochas agora verdes das chuvas de novembro	Do alto do lombinho olho o tantchon com dolorosa saudade	Voltarei sempre às minhas rochas surgidas do mar
respiro o silêncio lento dos cumes debruados de rosa e luz intensa	magoada e ofendida vejo cabras e carneiros fazer do tanque seca pastagem	voltarei sempre às minhas ilhas mesmo que as chuvas de [outubro se neguem
e sigo ao encontro do mar do tarrafal	recordo amargamente o nosso tanque a transbordar de risos	voltarei sempre ao meu lar mesmo que o milho [verde não nasça
outras rochas	e água fresca	voltarei sempre ao silêncio branco dos [mastros
vão surgindo	desvio os olhos para não ver	ao riso fresco das [crianças
altíssimas	a secular casa	ao abraço quente das [gentes
como que pintadas no ar sereno e sedoso	transformada	
	noutra casa vulgar sem as telhas vermelhas	voltarei sempre

surgem belas poderosas como postais coloridos	de antigamente não chova e a nudez daquela terra de bananeiras fruta-pão mangueiras e altos coqueiros	mesmo que julho
com os olhos iluminados e o sol a nascer na alma	hoje espaço árido de carros e camiões ruidosos	voltarei sempre
continuo o caminho ao encontro do mar	magoada e ofendida afasto-me tristemente	

Os três poemas poderiam ser lidos em horizontal, seguindo o primeiro verso de cada estrofe. Encontraríamos assim o cruzamento a que os trilhos supramencionados nos levam, a saber, memória, interioridade e casa: «Passo a caminho/ /Do alto do lombinho/ /Voltarei sempre».

Há uma circularidade da escrita que reenvia para três momentos temporais essenciais à vida do ser humano: passado, presente, futuro. A Autora recorda o passado das ilhas em as “Rochas de S. Nicolau”. Aí todo o percurso de visita da Autora se vai fazendo visível e palpável; sentimos a ilha viver dentro de nós: “viajo os olhos”, “respiro o silêncio”, “continuo o meu caminho”. Ao fazer uma retrospectiva das ilhas, a Autora traz-nos um rasto de memória que nos põe face a face com a realidade hodierna em “Magoada e ofendida”, expondo-se pelo mote “Voltarei sempre”. *Ofendida e magoada* com a situação actual vivida pelas ilhas, onde as lembranças se fazem dolorosas (“recordo amargamente”: estrofe 3, verso 1), o olhar viajante de antes cede o lugar à dor (“desvio os olhos/para não ver”: estrofe 4, verso 1) e onde os pontos de referência que marcavam a estrutura da ilha deixam de existir (“olho o tantchon<sup>1</sup>/com dolorosa saudade”: estrofe 1, versos 2-3), Carlota de Barros, que poderia abandonar as ilhas (“afasto-me tristemente”: estrofe 6, verso 2) não renuncia ao seu amor por elas: “voltarei sempre/às minhas ilhas/mesmo que as chuvas de outubro/se neguem” (estrofe 2, versos 1-4); “voltarei sempre/ao meu lar/mesmo que o milho verde/não nasça” (estrofe 3, versos 1-4). A ilha é sempre ponto de partida, paragem, passagem e regresso para quem a vive como paradigma da busca de si.

Estamos chegando ao fim da nossa pequeníssima viagem pelas ilhas caboverdianas. Se algo se pôde concluir deste excuro, ao menos que tenha sido um pouco de “saudade e espanto”. Termino precisamente citando Valentinus Velinho quando diz:

Ainda que o mar desapareça  
Uma ínsula continua sendo ínsula

As ondas – oh! as ondas! – não voltam nunca.  
Mas os mares, estes – oh, estes às ínsulas voltam sempre.

As ínsulas, o quanto desprezam os rios

<sup>1</sup> O *tantchon* a que a Autora faz referência era um velho tanque pertencente ao administrador da ilha. A propriedade do administrador local era conhecida por *tantchon*, mas por metonímia indicava-se o tanque por esse nome. Este via-se do alto do Lombinho (um dos vales da ilha), e era onde os animais iam beber e as crianças tomavam banho e brincavam.

Quando aos mares esses vão ter.

Pode ser pequeno o Atlântico, mas uma ínsula nunca!  
Garanto-vos: será um dia uma ínsula a traçar novos mares!  
(Velhinho, 2002, p. 19)

### Bibliografia

- BARROS, Carlota de. *A minha alma corre em silêncio*. Lisboa, Edição de autor, 2003.
- CHELMICHI, José Conrado – VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *Corografia caboverdiana ou descrição geográfico-histórica da Província de Cabo Verde e Guiné*. vols. II. Lisboa, Typ. de L. C. da Cunha, 1841.
- DUARTE, Dulce Almada, *Bilinguismo ou diglossia?*, Praia, Spleen Edições, 1998.
- FONTES, Manuel Francisco. *Nas praias da minha ilha*. Fogo, Câmara Municipal dos Mosteiros, 2003.
- GOMES DE PINA, Maria da Graça, “O crioulo na poesia caboverdiana da primeira metade do século xx”. *Revista Crioula*. São Paulo, 4 (Novembro), 2008.  
[disponível em <http://www.fflch.usp.br/dlcv/revistas/crioula/index.php>]
- LABAN, Michel. *Cabo Verde – encontro com escritores*, vol. 1. Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1992.
- MADEIRA SANTOS, Maria Emília (coord.). *História Geral de Cabo Verde: corpo documental*, vol. II. Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical/Direcção-Geral do Património Cultural de Cabo Verde, 2001.
- MONTEIRO, Félix. *Eugénio Tavares pelos jornais...* Praia, Instituto Caboverdeano do livro e do Disco, 1997.
- SALÚSTIO, Dina. *Mornas eram as noites*. Praia, Instituto da Biblioteca Nacional, 2002<sup>3</sup>.
- TAVARES, Eugénio. *Mornas cantigas crioulas*. Luanda, Liga dos Amigos de Cabo Verde, 1969.
- VELHINHO, Valentinous. *O Túmulo da Fénix*. Mindelo, Artiletra, 2002.

#### **Maria da Graça Gomes de Pina**

Licenciou-se em Filosofia pela Universidade de Lisboa. Actualmente é colaboradora linguística na Universidade de Nápoles I “Orientale”, onde lecciona a língua portuguesa. Recentemente discutiu a tese de Doutoramento sobre o “Crioulo de Cabo Verde” na Università di Napoli L’Orientale. Ocupa-se de língua e literatura portuguesa, de literatura africana de expressão portuguesa, de língua caboverdiana, e de filosofia antiga. Tem a seu cargo algumas traduções de livros e ensaios filosóficos, ensaios de filosofia antiga, artigos sobre literatura portuguesa, artigos sobre literatura e língua caboverdianas publicados em Portugal, Itália, Brasil, Cabo Verde. Contato: [mgomesdepina@unior.it](mailto:mgomesdepina@unior.it)